



O assassinato de Orlando Letelier: Como o regime de Pinochet conseguiu atacar na capital dos Estados Unidos

Uma entrevista com Alan L. McPherson

Entrevista concedida em 28 de setembro de 2024, realizada e traduzida por Felipe Duccini.¹

Historiador especializado nas relações entre os de história na Universidade de Temple e Estados Unidos e a América Latina, professor diretor do Centro de Estudos sobre a Força e a Diplomacia (CENFAD)². Doutor em História pela Universidade da Carolina do Norte (2001), realizou seu mestrado em História pela Universidade Estadual de São Francisco (1996) e um bacharelado em História e Economia pela Universidade de Montreal (1994). Autor dos livros: *The Invaded: How Latin Americans and Their Allies Fought and Ended U.S. Occupations* (2014); *The World and U2: One Band's Remaking of Global Activism* (2015); *A Short History of US Interventions in Latin America and the Caribbean* (2016).



Alan McPherson fala com a Revista de História da UFBA, sobre seu mais recente livro *Ghosts of Sheridan Circle: How a Washington Assassination Brought Pinochet's Terror State to Justice*, publicado em espanhol, com o título *Matar a Letelier. El crimen que puso en el banquillo al régimen de Pinochet* (2023), ainda sem tradução para o português.

¹ Doutorando UFBA, entrevista feita durante doutorado-sanduíche realizado com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no âmbito do Programa Capes-Print.

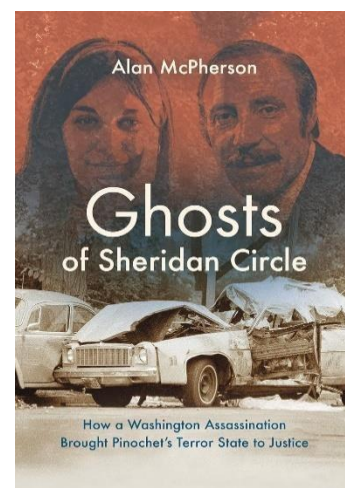
² <https://liberalarts.temple.edu/research/labs-centers-institutes-temple-university-college-liberal-arts/center-study-force-diplomacy>

Revista de História da UFBA (RHU): Para começar, pode falar-nos um pouco da sua carreira de historiador e do seu interesse pela política e pela diplomacia?

Eu nasci nos Estados Unidos, mas cresci no Canadá, frequentando escola em francês, até à faculdade, inclusive. Por isso, sempre tive curiosidade sobre os Estados Unidos como um *insider-outsider*: alguém que não cresceu lá, mas que podia mudar-se legalmente para lá e que era diariamente inundado pela mídia americana. A política americana sempre me fascinou, especialmente a política externa. Cheguei à idade adulta nos anos 80, quando as guerras na América Central eram notícia de primeira página, assim a relação dos EUA com a América Latina me parecia primordial. A primeira viagem a solo que fiz, aos 20 anos, foi três meses na América do Sul para aprender a língua.

RHU: Vamos falar sobre o seu livro: *Ghosts of Sheridan Circle: How a Washington Assassination Brought Pinochet's Terror State to Justice*. O que o motivou a investigar o assassinato de Orlando Letelier, antigo embaixador do Chile nos Estados Unidos, durante o governo de Salvador Allende?

Em parte, eu adorava o Chile e estava fascinado pela sua história desde que lá fui aos 20 anos. Como professor, anos mais tarde, não sabia quase nada sobre o assassinato de Letelier - apenas que fazia parte da Operação Condor e que eu o ensinava como tal. Eu achava que o caso tinha sido resolvido imediatamente e que os culpados tinham sido presos. Fiquei surpreso ao saber, por volta de 2015, que os chilenos que ordenaram e supervisionaram o assassinato só foram presos em 1995 e que Pinochet nunca foi acusado. Essa busca por justiça intrigou-me.



RHU: Após a eleição de Allende, o governo dos Estados Unidos realizou uma feroz campanha de propaganda, recorrendo a pressões diplomáticas e econômicas para derrubar o seu governo. A Agência Central de Inteligência (CIA) gastou milhões de dólares para encorajar os chilenos a realizarem um golpe militar. Poderia detalhar a importância dessa pressão realizada pela administração Nixon para o derrubada de Allende?

Toda essa pressão ocorreu, e a sua consequência mais importante, penso eu, foi o telegrama aos chilenos de direita, informando que Washington não se oporia a uma derrubada violenta de Allende. Estes chilenos incluíam não só os militares, mas também políticos conservadores, editores, líderes sindicais, ativistas femininas e outros. Deve ficar claro que não há provas de que o governo dos EUA tenha explicitamente dito a estas pessoas para derrubarem Allende, nem que tenha organizado ou liderado o golpe. Mas certamente encorajou-o indiretamente, preparando as bases para tornar o governo de Allende muito mais difícil do que era necessário. Tudo isto não inclui sequer o único ato direto de agentes da CIA contra Allende - o rapto e assassinato de René Schneider em 1970 para impedir que Allende tomasse o poder.

RHU: Você poderia resumir quem foi Orlando Letelier e por que o regime de Augusto Pinochet o matou?

Letelier era um economista e amigo de longa data de Allende no Partido Socialista, tinha uma década de experiência vivendo em Washington quando Allende assumiu o poder. Então Allende o nomeou embaixador nos Estados Unidos, depois ministro das relações exteriores, depois ministro da defesa, o cargo que ele ocupava quando o golpe ocorreu. Foi três anos depois que Pinochet mandou matá-lo, em setembro de 1976. Como Pinochet nunca admitiu ter dado a ordem, não podemos saber com certeza quais foram suas razões. Mas as evidências apontam para duas.

O primeiro é o fato de que Letelier era um ativista prejudicial, tendo convencido sindicatos holandeses a não descarregar exportações chilenas nos portos da Holanda e, assim, cancelado um grande investimento holandês planejado no Chile de Pinochet. O segundo é o medo mais amplo, entre Pinochet e seus seguidores, de que Letelier era um socialista moderado e muito querido que estava organizando um governo de unidade no exílio junto com outros oponentes mais centristas de Pinochet. Não havia tal organização acontecendo, mas muitos dos medos de Pinochet não eram baseados na realidade.

RHU: Orlando foi assassinado pela *Dirección de Inteligencia Nacional (DINA)*, a polícia política de Pinochet, por meio da Operação Condor. A Operação Condor, que abrangeu Chile, Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil, com alguma cooperação do Peru e Equador, é amplamente estudada nos países do Cone Sul, mas ainda sabemos pouco sobre o trabalho da Operação Condor além dos países da região. Você poderia detalhar como a Condor estava envolvida no ataque a Washington e se você localizou o envolvimento da Condor em quaisquer outras ações nos EUA ou na Europa?

A Condor raramente se aventurava fora de seus países "membros" da América do Sul. Até onde sei, o assassinato de Letelier foi seu único ato nos Estados Unidos. A DINA contratou um fabricante de bombas americano-chileno, Michael Townley, para ir aos Estados Unidos com alguns outros chilenos, seguir Letelier e aprender seus padrões e, mais importante, fazer uma aliança com meia dúzia de cubanos anti-Castro que seriam os que detonariam o carro-bomba que matou Letelier. Houve ameaças de outra tentativa de ataque nos EUA, desta vez contra o congressista americano Edward Koch, mas isso nunca aconteceu. Fora dos Estados Unidos, Townley fez contato com pelo menos um assassino na Itália (que tentou, mas não conseguiu matar o chileno Bernardo Leighton), e os assassinatos da Condor foram planejados em outros lugares da América Latina, mas não ocorreram — até onde sabemos.

RHU: A implementação das ditaduras militares nos países da América do Sul foi amplamente apoiada pelos EUA. Os agentes da DINA foram treinados na chamada Escola das Américas no Panamá. Você poderia explicar mais sobre essa cooperação entre os EUA e o regime de Pinochet?

O treinamento dos EUA foi muito além do regime de Pinochet. Especialmente após o triunfo da Revolução Cubana, o governo dos EUA mudou o foco do treinamento de oficiais latino-americanos para a contrainsurgência, e seus programas educacionais eram altamente ideológicos, retratando todos os comunistas como criminosos perigosos. Esse treinamento ocorreu no Panamá, mas também em outras bases dentro dos Estados Unidos. Manuel Contreras, o fundador da DINA, foi treinado em contrainsurgência em instituições dos EUA. Os instrutores dos EUA deram a esses milhares de alunos uma doutrinação anticomunista raivosa e todas as ferramentas para resistir ao comunismo —

incluindo ajuda militar maciça — e então lavaram as mãos de toda responsabilidade quando esses estagiários desencadearam uma contrarrevolução maciça nas décadas de 1960 e 1970.

RHU: Houve algum tipo de cooperação entre a DINA e a Operação Condor com a CIA?

Sim, embora de forma limitada. Contreras da DINA foi brevemente um informante pago pela CIA, mas muitos na agência não gostaram do seu histórico de violador dos direitos humanos e o abandonaram depressa. Ele já não estava associado à CIA na altura do assassinato de Letelier. Houve alguma ajuda da CIA nas comunicações para a Condor, mas, tanto quanto os registos mostram, não houve coordenação em nenhum assassinato, e a CIA não parecia saber de nenhum assassinato específico com antecedência. No entanto, depois do assassinato de Letelier, parece que a CIA quis varrer o assunto para debaixo do tapete para não queimar as pontes com os regimes de direita amigos. Espalhando desinformação nas publicações norte-americanas e os investigadores do FBI recebiam partilhar informações com a CIA, suspeitando que contariam à DINA.

RHU: O ataque que matou Orlando ocorreu na capital dos EUA. Isso causou algum tipo de rutura diplomática entre os EUA e o regime de Pinochet?

Não durante os cerca de 18 meses em que o FBI não conseguiu identificar Michael Townley, um cidadão chileno, como o autor da bomba. Pinochet simplesmente negou a responsabilidade chilena por este ato de terror em Washington. Quando Townley foi identificado, no início de 1978, ainda não houve uma rutura oficial de relações, mas os diplomatas americanos exerceram muita pressão sobre os chilenos, em primeiro lugar, para que entregassem Townley (que também era americano) e, em segundo lugar, para que levassem à justiça os restantes três chilenos responsáveis.

Só na década de 1990 é que foram bem-sucedidos neste segundo desejo. A Casa Branca de Carter aprovou sanções fracas. O Congresso dos Estados Unidos foi mais instrumental ao aprovar uma lei que suspendia as relações militares normais e outras, até que o Chile colaborasse na resolução do caso Letelier. Foi essa lei, que ameaçava

manter o Chile fora de um acordo de comércio livre com os Estados Unidos, que ajudou a fazer girar as rodas da justiça na década de 1990.

RHU: Você mencionou que a CIA produziu alguns relatórios sobre Orlando Letelier e que ele acreditava que a embaixada chilena em Washington estava grampeada, sob escuta da CIA, e que Letelier também relatou que a residência do embaixador e a chancelaria foram assaltadas cinco vezes. Será que a CIA continuou a vigiar as atividades de Letelier em Washington nos anos seguintes? A CIA não sabia realmente nada sobre o plano da DINA para assassinar Letelier?

A resposta curta é: não sabemos. O governo dos Estados Unidos diz que desclassificou todos os documentos relacionados com Letelier, por isso, é bem possível que a CIA tenha deixado Letelier em paz e não soubesse dos planos específicos da DINA - embora os Estados Unidos soubessem, em geral, das intenções da Condor de eliminar inimigos políticos. Mas deve ficar claro que a CIA não abriu os seus arquivos ao público, sobre este ou quase qualquer outro assunto. Pessoalmente, não me surpreenderia se a CIA não tivesse espiado Letelier durante os três anos em que ele foi embaixador. Isso não significa que tenha continuado a entrar na chancelaria ou a colocar escutas. Pode ter-se limitado a segui-lo.

RHU: O seu livro descreve o trabalho do *Federal Bureau of Investigation (FBI)* e do Departamento de Justiça no julgamento e condenação dos autores do atentado que matou Orlando, implicando a sua ligação ao regime de Pinochet. Em termos de diplomacia e de direito internacional, como é que isto foi feito? E, em última análise, poderia Pinochet ter sido implicado durante o julgamento deste caso, como o cérebro por detrás do crime, ou isso seria impossível?

O FBI, que é uma agência dentro do Departamento de Justiça, assumiu a liderança na acusação de um crime que ocorreu dentro dos Estados Unidos. Mas, desde o início, ficou claro que o FBI teria de conseguir que o governo chileno investigasse e instaurasse o processo. Um erro que o FBI cometeu foi confiar que o sistema chileno poderia atuar de forma justa. Não o fez, os seus juízes suprimiram provas ou interpretaram-nas como insuficientes quando as mesmas provas nos Estados Unidos foram esmagadoras na condenação de Townley e dos cubanos. Foi a família de Orlando Letelier e os seus advogados - um dos quais era a irmã de Letelier - que mantiveram o caso vivo nos tribunais chilenos durante toda a década de 1980. Só depois da queda de

Pinochet, em 1990, é que novos juízes, nomeados por regimes chilenos democráticos, declararam que o caso podia ser julgado.

Nessa altura, sim, Pinochet poderia ter sido julgado. Mas nenhum procurador tentou julgá-lo porque simplesmente não havia nenhuma prova admissível que o ligasse ao crime. Contreras nunca disse, num tribunal de justiça, que Pinochet lhe ordenou que mandasse matar Letelier.

RHU: Você mencionou que Michael Townley, o agente da DINA responsável pelo ataque, contactou diplomatas e espiões americanos oferecendo os seus serviços. Que ele contactou a estação da CIA em Miami três vezes entre 1970 e 1973, fornecendo voluntariamente informações. De acordo com a versão da CIA, Townley nunca foi um ativo da agência. É possível acreditar que, se as ações de Townley prejudicassem a agência, a documentação sobre a sua cooperação com a agência seria preservada para a posteridade?

Eu penso que a pergunta sugere que a CIA poderia ter destruído provas embaraçosas que a ligavam a Townley, e isso é certamente possível. Mais uma vez, não sabemos. Mas, segundo as testemunhas das suas interações com a CIA, parece que não houve colaboração a registar.

RHU: Em 1978, o regime de Pinochet promulgou a Lei da Anistia, que isentava de responsabilidade penal aqueles que tinham cometido violações dos direitos humanos. Da mesma forma, a ditadura militar brasileira estabeleceu sua Lei de Anistia em 1979. No Brasil, a Lei da Anistia impediu o julgamento de militares que cometeram assassinatos e torturas, ao contrário do caso chileno. Poderia explicar-nos como é que o sistema judicial chileno conseguiu, apesar da existência da Lei da Anistia, julgar e condenar centenas de militares que cometeram assassinatos durante a ditadura e porque é que outros países, como o Brasil, falharam nesta matéria?

Não sou especialista em democracia de transição, mas posso dizer que o caso Letelier foi fundamental para abrir a porta à investigação das violações dos direitos humanos, apesar da Lei da Anistia. Como o assassinato ocorreu nos Estados Unidos, não estava abrangido pela Lei da Anistia, que cobria apenas crimes no Chile. Por isso, no início da década de 1990, os advogados descobriram provas de vários outros crimes, o que levou a que fossem abertos outros processos. Para além disso, os procuradores chilenos, fora do caso Letelier, definiram os casos de vítimas “desaparecidas” como

“crimes em curso” e, portanto, não cometidos antes de 1978. O seu argumento era que, tal como no caso Letelier, qualquer caso de desaparecimento não resolvido poderia ainda ser objeto de um processo judicial.

RHU: Fale-nos do processo de pesquisa para escrever o livro, que arquivos foram consultados? Como foi a experiência de pesquisar nos arquivos da CIA?

Não há arquivos da CIA, pelo menos não há nenhum aberto ao público. Há um site na internet onde a CIA publica documentos, mas são sobretudo artigos de jornais, por vezes relatórios que não revelam qualquer informação secreta. Por isso, esta é uma frustração contínua e talvez nunca venhamos a saber exatamente o que se passou no interior da CIA durante a investigação Letelier.

As minhas fontes mais importantes, para além de milhares de artigos de jornais e revistas, foram algumas coleções: uma, a coleção Letelier do Arquivo de Segurança Nacional em Washington, um pequeno grupo privado que consegue que o governo dos EUA desclassifique documentos importantes. Ao contrário de muitos dos documentos da NSA, esta coleção não estava disponível online, por isso, passei um mês em tempo integral para analisar essas caixas, que continham todos os documentos do FBI e da Justiça, entre outros. A segunda coleção mais importante era o arquivo da família Letelier no Arquivo Nacional em Santiago.

Continha muitas cartas que os membros da família enviavam uns aos outros, para além de fotografias. Uma terceira coleção eram os documentos do Institute for Policy Studies, um grupo de reflexão de Washington onde Orlando e a sua viúva Isabel Morel trabalhavam. Situado em Madison, no Wisconsin, este instituto possuía uma enorme quantidade de documentos sobre as suas vidas antes e depois do assassinato. Por fim, realizei várias entrevistas a amigos, colegas e familiares de Letelier nos Estados Unidos e no Chile.

RHU: Qual a sua pesquisa atual? Tem planos para escrever outro livro no futuro?

O meu próximo livro sairá em março de 2025 e chama-se *The Breach: IranContra and the Assault on American Democracy*, mais uma vez pela editora da Universidade da Carolina do Norte.

RHU: Muito obrigado por conversar com a Revista de História da UFBA. Quais são suas considerações finais sobre o livro e sobre a ditadura chilena?

Se os leitores quiserem lê-lo em espanhol, está disponível como *Matar a Letelier* na *Librería Catalonia*.

